

MEU TEMPO DE PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR



*Erani Stutz
(CEDOCH-DL /USP)*

A pergunta foi intrigante: por que Historiografia da Lingüística? A tentativa de dar uma resposta acadêmica foi muito grande. Deveria? Cheguei à conclusão de que não. Este é o meu tempo de primeira pessoa do singular.

Minha aventura por esse mundo teve início há pouco tempo (comecei a graduação em 1994). Por que Lingüística? Porque queria compreender melhor a linguagem humana. Musicista há muitos anos, ficava intrigada com o fato de que a música, muitas vezes, expunha melhor o que pensava do que as palavras jamais poderiam dizer. Era uma ilusão, mas que me trouxe ao mundo das ciências da linguagem.

Durante a graduação em Lingüística, foram muitos os projetos: para cada curso, uma idéia de pesquisa –, frutos da curiosidade e até de encantamento, diria. Sentia-me fascinada por esse mundo. Concluída essa etapa, foi impossível não continuar. Tudo o que havia estudado até ali serviu apenas para mostrar possibilidades. Uma pausa para reflexão, associada ao amadurecimento intelectual (menos encantamento, mais realidade), trouxeram-me à consciência alguns aspectos decisivos para a escolha da área de especialização: 1) se fiz tantos “projetos”, para as mais diversas disciplinas, era porque o meu interesse verdadeiro estava (e ainda está) num outro nível de articulação: a formação do pensamento e do método lingüístico; 2) a esse interesse real associei o fato de que, por convicção e princípios próprios, me é impossível dissociar o

homem de seu contexto histórico. Não vou divagar agora pelas várias teorias que envolvem o tema – e essas são o que são: teorias.

Assim sendo, percebi a necessidade de canalizar minha curiosidade, interesse e formação em uma área de pesquisa que garantisse minha liberdade de expressão, reflexão e pesquisa, propriamente dita.

O encontro com a professora Cristina Altman, no final da Graduação (após ter sido sua aluna no curso de Pragmática, em semestre anterior) me fez considerar seriamente essa possibilidade. Como “prova” para acesso ao grupo de pesquisadores, li os vários autores e textos indicados (Koerner, Swiggers, Murray, Aurox, Kuhn etc.). Tive, então, certeza de que era esse o espaço adequado para empregar meu tempo, minhas potencialidades de pesquisadora.

Meu primeiro projeto começou como uma caixa de surpresas: motivada por um tema externo à ciência Lingüística, passei por diversos estágios, os quais me possibilitaram a aplicação das diversas disciplinas lingüísticas na construção da metodologia de análise dos dados encontrados. Esse projeto encerrou-se com a escrita e defesa da Tese: *O Projeto holandês no Brasil seicentista – para uma Historiografia da Lingüística Brasileira* (Stutz. 2003. São Paulo: FFLCH-USP). Simultaneamente, abriu-me espaço para a continuidade. Minha maior motivação continua sendo compreender a formação do pensamento e do método lingüístico.

As relações entre os diversos componentes e fatores desse processo se abrem em novas perspectivas, provocam novas indagações. Os aspectos internos (puramente lingüísticos) hoje se equilibram com os externos, penso.

Por que Historiografia da Lingüística?

Por consciência de minhas limitações: não sei pensar de outro jeito.

O homem e a linguagem humana ainda me fascinam.